



3298 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultos

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO POPULAR NA AMAZÔNIA: UM ESTUDO SOBRE A FEDERAÇÃO DE ÓRGÃOS PARA A ASSISTÊNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL (FASE), NA CIDADE DE BELÉM-PA

Maria Rosilene Maués Gomes -

Francy Taissa Nunes Barbosa - UFPA - Universidade Federal do Pará

Ivanilde Apoluceno de Oliveira - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Resumo

Este artigo se origina de nossos estudos e pesquisas como membros do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), da Universidade do Estado do Pará durante os anos de 2014 e 2015. O estudo objetiva fazer uma análise da história da Educação de Jovens e Adultos-EJA e da Educação Popular na Amazônia, mais especificamente na cidade de Belém, capital do estado do Pará, desenvolvida pela "Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE)", na década 1970 do século XX. A finalidade do estudo é compor um documento de referência da EJA na Amazônia. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, realizado através de entrevista semiestruturada. Para fazer a análise dos dados nos embasamos na discussão de teóricos que refletem acerca da trajetória da EJA e da Educação Popular. Foi possível concluir que é de grande relevância o trabalho da FASE para a história da EJA e da Educação Popular, junto às camadas populares dos bairros periféricos em Belém, Capital do Pará. Apesar do trabalho da FASE não ser voltado especificamente para a EJA, foi perceptível o envolvimento de mulheres e homens trabalhadores das classes populares, a partir das necessidades da comunidade, tendo como base o princípio norteador de Paulo Freire, o qual parte da realidade concreta dos educandos.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO POPULAR NA AMAZÔNIA: UM ESTUDO SOBRE A FEDERAÇÃO DE ÓRGÃOS PARA A ASSISTÊNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL (FASE), NA CIDADE DE BELÉM-PA

Francy Taissa Nunes Barbosa¹

Ivanilde Apoluceno de Oliveira²

Maria Rosilene Maués Gomes³

Resumo

Este artigo se origina de nossos estudos e pesquisas como membros do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), da Universidade do Estado do Pará durante os anos de 2014 e 2015. O estudo objetiva fazer uma análise sobre a história da Educação de Jovens e Adultos-EJA e da Educação Popular na Amazônia, mais especificamente na cidade de Belém, capital do estado do Pará, desenvolvida pela "Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE)", na década 1970 do século XX. A finalidade do estudo é compor um documento de referência da EJA na Amazônia. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, realizado através de entrevista semiestruturada. Para fazer a análise dos dados nos embasamos na discussão de teóricos que refletem acerca da trajetória da EJA e da Educação Popular. Foi possível concluir que é de grande relevância o trabalho da FASE para a história da EJA e da Educação Popular, junto às camadas populares dos bairros periféricos em Belém, Capital do Pará. Apesar do trabalho da FASE não ser voltado especificamente para a EJA, foi perceptível o envolvimento de mulheres e homens trabalhadores das classes populares, a partir das necessidades da comunidade, tendo como base o princípio norteador de Paulo Freire, o qual parte da realidade concreta dos educandos.

Palavras – chave: Educação de Jovens e Adultos. Educação Popular. Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE).

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos o resultado de nossos estudos e pesquisas como membros do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), da Universidade do Estado do Pará, durante os anos de 2014 e 2015. O estudo objetiva fazer uma análise sobre a história da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular na Amazônia, mais especificamente na cidade de Belém, capital do estado do Pará, desenvolvida pela "Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE)", na década 1970 do século XX. A finalidade do estudo é compor um documento de referência da EJA na Amazônia, a partir dos relatos da professora Maria das Graças Silva, a qual atuou como Coordenadora Regional da FASE, tendo seu ingresso nessa Federação em 1971 e continua fazendo história nessa Organização Não Governamental.

O estudo foi desenvolvido com base na entrevista realizada com a professora supracitada. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, nesse tipo de pesquisa, segundo Chizzotti (2010, p.79), "há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito". Para a coleta de dados qualitativos fizemos opção pela entrevista semiestruturada, a fim de extrair ao máximo as informações acerca do assunto em tela. Segundo Oliveira (2010, p. 46), este tipo de entrevista "parte de um roteiro pré-estabelecido, mas, na sua aplicação, o entrevistador pode acrescentar novas perguntas, conforme o teor da narrativa do entrevistado".

De posse das informações, realizamos a transcrição e a análise dos dados, as quais apresentamos neste estudo, com base nas literaturas que nos permitem refletir acerca da trajetória da EJA e da Educação Popular, dentre as quais destacamos Freire e Nogueira (2003), Freire (2005) e Carneiro (2005).

O trabalho está estruturado em quatro tópicos e considerações finais, nos quais abordamos respectivamente: a história da FASE, As contribuições da FASE para o nascimento da Educação Popular nas periferias de Belém, O financiamento dos projetos desenvolvidos pela FASE e os fundamentos epistemológicos do trabalho desenvolvido pela FASE.

1. HISTÓRICO DA FASE

A década de 70 do século XX foi um período de efervescência dos movimentos populares, no qual diversas ONGs, entre as quais a Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE), se empenharam em prol da liberdade de expressão e em defesa dos direitos das pessoas das camadas menos favorecidas economicamente de ter saúde, educação, moradia, saneamento básico, entre outros.

A FASE foi fundada em 1961. Consiste em uma organização não governamental, sem fins lucrativos que atua em seis estados brasileiros. Na década de 70, a FASE teve presença marcante junto aos movimentos sociais, especialmente com as Comunidades Eclesiais de Base, os trabalhadores rurais, as associações de moradores, entre outras. Em Belém, capital do Pará, a atuação da FASE se deu, principalmente nos bairros periféricos, entre os quais o Benguí e o Guamá.

Em razão do golpe militar de 64, o trabalho da FASE foi forjado junto a outros setores, com outras organizações e outros movimentos. Segundo a professora Maria das Graças, a FASE aparece por dentro da igreja católica, isto é, começa uma movimentação, uma campanha, por meio da igreja, para os religiosos que estavam nas áreas de conflito, no campo ou nas periferias da cidade. Para facilitar o acesso dos membros da ONG a essas áreas, utilizavam bicicletas e lambretas.^[1]

A FASE até o início da década de 70 foi muito ligada à igreja, só depois que ela adquire a sua institucionalidade e resolve se apartar, porque precisava fazer um caminho que não podia mais ser de uma igreja, tinha que ser laica. Contudo, continuou o trabalho social que havia iniciado junto à igreja.

2. AS CONTRIBUIÇÕES DA FASE PARA O NASCIMENTO DA EDUCAÇÃO POPULAR NAS PERIFERIAS DE BELÉM

De acordo com a professora Maria das Graças, o direcionamento do trabalho da FASE não foi diretamente para a Educação de Jovens e Adultos. Com incomensurável apoio da igreja, não somente a igreja católica, a FASE atuava utilizando a metodologia dos 14 sistemas sociais. Entre eles, cita: Educação, saúde, transporte, associativismo. De acordo com a entrevistada "o foco do trabalho da FASE, em geral, foi um trabalho de comunidade onde estavam os jovens, as mulheres, as pessoas mais idosas".

Dentre os trabalhos realizados por meio dos 14 sistemas sociais estavam a educação popular das crianças, adolescentes, jovens, mulheres e homens trabalhadores. Conforme relata a professora, tudo começava a partir de um diagnóstico da realidade e a partir do resultado desse diagnóstico a própria comunidade definia as prioridades sempre com a intenção de articular, juntar, organizar aquela população. Essa prática de partir da realidade concreta dos educandos tem seu fundamento nos princípios Freireanos, ao tratar das relações que se estabelecem entre ser humano e mundo, ressaltando que:

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo. (FREIRE, 2005, p. 100).

O diálogo com o povo, a abertura dada pelos profissionais da FASE às famílias, gerava naquelas comunidades um clima de confiança e os impulsionava a ir à luta, mesmo diante das circunstâncias de opressão. A professora ressalta que a educação popular da década de 70 acontecia em um contexto de luta, "nos centros comunitários, casas construídas pela população, em regime de mutirão em áreas que foram tomadas pela população porque era alagado, era chamada a baixada de Belém".

Dentre os profissionais que encabeçavam a educação popular daquela época estão, a própria professora Maria das Graças, coordenadora da FASE, a professora Ana Tancredi, professora da Universidade Federal do Pará; Aldalice Otterloo, coordenadora do Instituto Universidade Popular - UNIPOP, entre outras. Essas professoras inauguraram uma nova visão de realidade para as famílias excluídas das periferias de Belém daquela época, conforme podemos analisar na fala da entrevistada:

Naquele período vários bairros identificaram o problema da educação das crianças, porque se os pais tivessem alguma condição de alfabetizar seus filhos as crianças iam mais ou menos pra escola, daí o enorme índice de repetência nos primeiros anos da escola, porque não tinha uma base. Daí, surgiram várias lideranças, Aldalice é uma desse time, que construíram as escolas comunitárias, eram centros comunitários, casas construídas pela população, em regime de mutirão. (MG).

O trabalho desenvolvido nessas escolas comunitárias, segundo a professora, se constituía como uma rede. Desta forma, vários bairros passaram a ver as escolas comunitárias como sua proposta de aglutinação, isso é importante saber, porque no período de ditadura, o sistema de segurança vigente naquele momento, não era muito bem visto, porque a escola naquela comunidade era considerada revolucionária.

O método educacional adotado foi inspirado por Paulo Freire nas escolas comunitárias. Para Freire (2005, p. 105), "no momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva homens a se empenharem na superação das situações limites".

O resultado do empenho das professoras que encabeçaram a luta levou-as a formar novas educadoras, a professora relata que elas juntaram as

peças da própria comunidade eram meninas e moças que estudavam e que estavam na comunidade e elas foram treinadas por um conjunto de educadores, entre as quais ela se inclui, juntamente com a professora Aldalice e Ana Tancredi da UFPA, responsáveis em capacitar essas meninas e logo depois, elas passaram a ser professoras das escolas comunitárias.

Freire e Nogueira (1993, p. 16) explicam as razões para a educação popular ganhar força no movimento das classes populares "alguns grupos populares produziram seus intelectuais e fizeram possível uma concepção "orientada" de educação". Vejamos a relevância da educação popular no processo de formação crítica do sujeito, quando a educação nasce da base e os professores são formados nessa base, eles conseguem dialogar com a realidade e a organização social ganha força capaz de transformar a realidade.

A professora relata que a escola se tornou um polo de aglutinação, porque os pais tinham que participar da proposta de alfabetização de seus filhos. As crianças ficavam de manhã e a tarde na escola, mas a noite os pais ocupavam o espaço escolar. As professoras formadoras passavam o dia caminhando pelos bairros nesse processo de formar as administrações das escolas comunitárias. Posteriormente, se chegou ao consenso, nas comunidades, que as mulheres ligadas a administração escolar mereciam ter alguma bolsa, um incentivo que as estimulasse a continuar realizando esse trabalho. Então, os pais passaram a pagar uma pequena quantia simbólica para custear as despesas com luz, água, comprar material didático e destinavam uma quantia para o pagamento de bolsas às mulheres que trabalhavam na administração escolar. De acordo com a entrevistada:

Por um período de dez anos grandes educadoras apareceram, a partir do trabalho dessas pessoas. Algumas dessas professoras foram para o ensino formal, passaram nos concursos públicos, em primeiro lugar, porque elas estavam alicerçadas na realidade com um método que foi construído a partir da realidade; essas pessoas trilharam o caminho da educação com toda a experiência da escola comunitária. (MG).

A experiência realizada pelas educadoras da FASE, nesse período, relembra a experiência de Angicos (RN) vivida por Freire, um dos momentos importantes de Educação Popular, em que Freire partindo da realidade de homens e mulheres trabalhadores, se dispôs a alfabetizar 300 operários em 45 dias, utilizando uma metodologia de ensinar e aprender que partia da realidade concreta desses operários.

Freire (1989, p. 9) compreendia que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele. Leitura e linguagem se prendem dinamicamente". Por isso, todo o trabalho com os operários partia da realidade de exploração em que estavam imersos. Em sua prática demonstrou que todos possuem um saber, que deve ser valorizado e que o mundo não pode ser compreendido entre os que sabem e os que não sabem.

3. FINANCIAMENTO

No que diz respeito ao financiamento, a professora Maria das Graças explicou que no início, a FASE recebia recursos provenientes de doações de pessoas que frequentavam as igrejas. Os representantes da FASE conversavam com a comunidade ao final da missa, explicavam em que consistia o trabalho da instituição, para que as pessoas fizessem doações. Posteriormente, começaram a receber recursos da cooperação internacional, ou seja, de igrejas luteranas, anglicanas, metodistas, entre outras. No contexto atual, a fase conta com recursos financeiros oriundos do imposto de renda que é pago pelos cidadãos. A FASE precisa fazer prestação de contas desse dinheiro que é recebido e, segundo a professora, isso é realizado de forma rígida.

Vale ressaltar que nesse período, uma das motivações para a entrada dos recursos internacionais era a industrialização urbana, excesso de migração do campo para a cidade, as pessoas eram "expulsas" de suas terras, com a promessa de participarem do processo de desenvolvimento do país. Em consequência desse excesso de migração foram se formando os bolsões de miséria nos centros urbanos, hoje o que vemos são favelas, ocupações desordenadas, bairros mal planejados, escassez de saneamento básico, desemprego, fome, miséria, entre outras mazelas.

Naquele momento, segundo Freire e Nogueira (1993, p. 16), "havia uma ideia bastante comum que era educar as pessoas para o progresso do país, segundo essa ideia haveria de educar as pessoas para integrar em um processo de Brasil moderno", ou seja, o objetivo era oferecer uma educação aligeirada às pessoas das classes populares com objetivo de proporcionar apenas os conhecimentos básicos necessários para atender as necessidades das classes dirigentes do país.

De acordo com a professora, na década de 80, quando se instala a democracia no Brasil, a FASE se volta para discutir as políticas públicas junto com atores sociais que estavam envolvidos. Nesse contexto, por ser a funcionária mais antiga da FASE, a professora Maria das Graças se percebe como uma profissional holística, que tem uma dimensão global e que ainda não parou de estudar, de se atualizar.

Vale ressaltar que inicialmente a FASE não se voltava tanto para trabalhar com as mulheres, no entanto a instituição foi percebendo a necessidade de dar uma atenção maior a elas, porque os maridos trabalhavam e eram elas que estavam à frente dos trabalhos nas comunidades, ou seja, elas abriam as escolas, limpavam, organizavam a merenda, todavia quando ocorriam as eleições para comandar os centros comunitários, na maioria das vezes, os homens eram eleitos. Com isso, a FASE começou a estimular as mulheres a se organizarem, para se candidatar aos cargos de direção dos centros comunitários. Carneiro (2005): ressalta que:

A prática dialógica exercida nas experiências populares das quais nós participamos – por exemplo, os Clubes de Trocas – quando todos têm direito a vez e voz, independente do grau de instrução, cargo, posição social, profissão – são espaços que Paulo Freire chamaria de 'revolucionários' porque se está exercitando a democracia, e está ocorrendo a libertação (p.19).

As oportunidades dadas às mulheres de ter vez e voz nos encontros, nas atividades encabeçadas pela FASE tornaram-se pontos de partida para que as mulheres oprimidas, vitimadas pelo machismo inaugurassem os caminhos da libertação e do exercício da democracia nesse período.

De acordo com a professora Maria das Graças, a FASE impulsionou a criação de outras instituições, tais como: a UNIPOP, a Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos e a República de Emaús. Esta última, sob a coordenação do Padre Bruno, o qual ajudava bastante os jovens no bairro no Benguí, localizado em Belém/PA.

Além disso, a FASE atuou no bairro do Guamá, localizado em Belém/PA, com o Centro de Estudos e Práticas de Educação Popular (CEPEP). Nessa organização, trabalhavam educadores que elaboravam materiais didáticos e audiovisuais. Eles se especializaram em fazer filmagens, no entanto a instituição fechou por falta de recursos.

A professora Maria das Graças, junto com a professora Aldalice, que trabalhava na UNIPOP, participaram de um projeto que era financiado por uma instituição americana, a qual vendia equipamentos para instituições governamentais que trabalhavam com meteorologia. Segundo a professora, os equipamentos eram caríssimos. A empresa começou a ter muito lucro, então, o governo brasileiro exigiu que a empresa deixasse algum benefício no Brasil. Como os equipamentos que ela vendia eram para a Amazônia, o dinheiro tinha que ser destinado para essa região. Por isso, a empresa foi até a Universidade Federal do Pará (UFPA), para que esta Instituição elaborasse uma proposta de trabalho para ser desenvolvido no bairro do Guamá.

A UFPA, especialmente o Centro de Educação, fez uma parceria com a FASE e a UNIPOP. Posteriormente, a parceria se estendeu à prefeitura de Belém e no primeiro ano do governo do Prefeito Edmilson Rodrigues, foi formulada uma proposta educacional para trabalhar com as escolas. Cada um tinha um papel e a FASE ficou responsável por trabalhar a extensão da escola com a comunidade.

Conforme relato da professora, a Universidade, através do Centro de Educação, realizou um trabalho maravilhoso de capacitação continuada de professores das escolas dos bairros da periferia de Belém, no bairros da Terra Firme e Guamá. A Universidade trabalhou com a capacitação dos professores da periferia, a prefeitura de Belém trabalhava com os pais dos alunos dessas escolas e organizou uma cooperativa de pais que foram capacitados. Nesse contexto, quem se envolvia mais no trabalho eram as mulheres, as quais trabalhavam com a venda de refeições. Já a FASE, trabalhou com as famílias dessas crianças, ou seja, tudo era interligado.

A professora relatou que essa foi uma das experiências que até hoje ela tem saudade, pois foram quatro anos trabalhando com jovens no bairro da Terra Firme e eram todos jovens em situação de risco, moças e rapazes de 14 a 18 anos, muitos usavam drogas e outros já estavam praticando crimes. O trabalho extensionista nesse bairro resgatou muitos jovens da criminalidade.

Além disso, a FASE trabalhou no bairro da Terra Firme com adolescentes que participavam do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - PROJovem. A metodologia utilizada era a seguinte: duas professoras da FASE mais uma jornalista chamada Ilma Bittencourt capacitavam esses jovens na área de educação ambiental, para que eles desenvolvessem um produto e apresentassem nas suas respectivas escolas. A professora destacou que, em geral esses jovens eram discriminados na escola, porque muitos eram usuários de droga. Essa iniciativa começou com 20 jovens e chegou a atender 300.

A professora Graça relatou que depois de ganhar a confiança dos jovens, elas começaram a incentivá-los a participarem de peças teatrais. Ensina-ram os alunos a fazer vídeo, trabalhar com as máquinas de filmagem e a fazer roteiro. Então, começaram a delimitar temas e posteriormente os jovens foram para paradas de ônibus, portas de pronto socorro e entrevistaram várias pessoas. As professoras solicitaram ajuda da polícia para ter acesso a alguns lugares considerados de risco, mas tiveram o pedido negado, porque os policiais afirmaram que os próprios jovens que estavam participando do projeto iriam roubar os equipamentos que custavam caro.

Diante desta negação, as professoras ficaram abatidas e decidiram comentar esse fato com os jovens. Eles responderam que não havia motivo para se preocupar, pois tudo daria certo. De acordo com a professora Graça, essa experiência foi muito gratificante e o resultado, muito bom. Eles apresentaram os trabalhos na comunidade e nas escolas. Começaram a ir para as escolas nos finais de semana, apesar de algumas diretoras não concordarem. O discurso da polícia é o mesmo discurso do opressor que atribui ao oprimido toda a culpa pela situação de miséria em que estão submersos que os fazem tornarem-se marginais.

Freire (1996) sugere o diálogo como possibilidade de libertar os grupos populares excluídos: "ao pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua "incompetência" para explicar os fatos" (p.81).

É mister perceber que as possibilidades de financiamento que surgiam naquele contexto, eram fruto da luta dos próprios moradores que se sentiam injustiçados pelas precárias condições de moradia nas periferias de Belém e exigiam uma contrapartida do governo, uma vez que a formação desses bairros sem as devidas condições de moradia era fruto da "expulsão" das famílias da área rural, em razão da industrialização do país, especialmente da abertura de estradas e ferrovias e da instalação das empresas multinacionais.

A professora relata que:

Quando o governo conseguiu um financiamento pra fazer o projeto, foi do BID Banco Interamericano de Desenvolvimento, o governo tinha que aportar o recurso como contrapartida, mas, aí o governo ficou numa coisa demorada que nunca tinha prioridade em fazer isso e o povo fazia em público, tinha muita mobilização social, tinha muita formação da consciência, da pessoa que sai da sua casa, que quer ter água, ter uma rua pra todo mundo, uma ponte de qualidade pra trafegar, então essa alteração da consciência individual pra consciência coletiva foi também informada e construída pela própria realidade dessa população. (MG)

A luta por justiça, liberdade e conquista de direitos pareciam estar impregnado na consciência política que emanava dos grupos que se organizavam em comunidade e iam até as últimas consequências, a professora lembra que:

Pra conseguir que o governo aportasse o recurso pra fazer o projeto de macro drenagem, o pavimento desses bairros como se tem hoje a gente teve que ir para Brasília. Eu mesma fui com uma comissão grande de moradores para Brasília. Era um congresso nacional com a comissão de finanças da FASE. Tive que sentar com eles pra dizer: o que vocês estão fazendo que vocês não defendem o Pará? E depois nós fomos convidados pelo próprio banco interamericano de desenvolvimento pra colocar lá na reunião do banco, na Espanha, reunião do BID, o problema que o Pará, que o Brasil estava vivendo, mesmo tendo financiamento liberado pelo banco que o povo ia pagar, porque é o povo que paga o governo, mesmo assim não liberava esse projeto porque não queria aportar uma parte do recurso, não era prioridade do governo, então o processo de educação é formado por um mosaico de experiências que foram vivenciadas na prática, no cotidiano, o Centro Comunitário ABCD são trinta, quarenta, cinquenta em Belém que foram construídos e depois formaram redes, uma rede de educação, rede da luta pela moradia, a grande campanha para que os bairros da periferia tivessem suas necessidades básicas garantidas (MG).

Foi nesse contexto de lutas por moradia, saneamento básico dos moradores das periferias de Belém que se constrói a luta pela educação. Uma coisa estava ligada a outra. É perceptível que quando os movimentos sociais se organizam em prol dos direitos do coletivo, as conquistas vêm porque não se trata de lutas individuais, mas de empenho pelo bem comum. A professora revela que:

O processo de educação popular se firma com esses princípios de que a luta pela liberdade democrática era a prioridade máxima. Nesse contexto, as nossas grandes referências aparecem como Paulo Freire. O Paulo Freire veio várias vezes aqui, encontrou com muitas lideranças no Pará, iluminou muito dos debates que se fizeram tanto no campo, quanto na cidade (MG).

É importante perceber que a educação popular inaugurada pela FASE nasce no seio das comunidades eclesiais de base e vai aos poucos tomando dimensões maiores. Vale ressaltar que essas comunidades desenvolveram um trabalho de luta e resistência contra as políticas neoliberais e contribuíam sobremaneira para o processo de conscientização das massas populares. A Professora Maria das Graças relata que:

Nós íamos para as igrejas, tinha missa aí o padre pedia para a comunidade que estava na missa, 5 ou 10 minutos antes de terminar a missa, para a

comunidade permanecer ali e um de nós ia lá falar do nosso trabalho. Nós fizemos isso durante anos, várias campanhas e a comunidade doava dinheiro pra esse trabalho. Na primeira fase foi isso. Depois recebemos muita força da cooperação internacional. O que era a cooperação internacional? Era esse mesmo tipo de trabalho feito em paróquias das mesmas congregações dos padres que estavam aqui, mas não só padres, a igreja luterana, a igreja anglicana, a igreja metodista ajudaram muito nesse trabalho. Então, eram as próprias congregações, nos países de origem, faziam a campanha do período da Páscoa também, então esse grande dinheiro, como a CNBB faz hoje, ia para os países chamados de terceiro mundo, e o Brasil era um deles. Então, por muito tempo a gente viveu com recursos da cooperação internacional.

Percebemos que o financiamento destinado aos projetos sociais desenvolvidos pela FASE são frutos das lutas dessa ONG, junto às comunidades periféricas de Belém, por melhores condições de vida. Por outro lado, não deixa de ser também uma forma do próprio sistema capitalista, por meio dos bancos investidores, se promoverem utilizando discursos de investimentos nos países de terceiro mundo. Nesse sentido há que se fazer uma leitura mais profunda acerca das reais intenções implícitas nessas ações.

4. FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DO TRABALHO DESENVOLVIDO PELA FASE

No que diz respeito aos fundamentos epistemológicos de todo o trabalho social desenvolvido pela FASE, a Professora Maria das Graças ressaltou que, na época, os professores estudavam muito, faziam muitas leituras para trabalhar a realidade das pessoas, isto é, não levavam nada pronto para as comunidades, pelo contrário, ela afirmou que ouviam as comunidades, para entender e captar os anseios das mesmas. A referência do trabalho era baseada em alguns autores como Marx, Paulo Freire e Gadotti, além da base teórica do Movimento de Educação Base (MEB), que naquele momento permeava todo o trabalho dos movimentos populares. A professora observa que o contexto brasileiro vivido naquele momento era de uma concepção de esquerda, embora Jânio Quadros estivesse saindo do governo, sua política era dirigida pelo Partido Comunista Brasileiro.

Percebemos que as lutas empreendidas no contexto da década de 1970, estavam ancoradas em uma base teórica de visão marxista, o que contribuiu para a recusa das condições impostas pelo sistema e para a luta por uma sociedade mais justa e humana. É interessante como a FASE, à luz de sua base teórica e do contexto político e econômico do país, consegue chegar às necessidades das famílias da periferia de Belém e construir com elas esse espírito de luta. A professora relatou que na década de 80 foi instituída uma lei na região metropolitana de Belém em relação à área da habitação, mas eles não sabiam como explicá-la para a comunidade. Então, os professores da FASE fizeram estudos sobre a lei, construíram cartilhas com a ajuda de alguns desenhistas da própria comunidade, para facilitar o entendimento das pessoas.

Vale ressaltar que a cartilha não era um material que vinha pronto e acabado, pelo contrário, nela, eram feitas perguntas como: "Você já ouviu falar sobre isso?", "Qual sua opinião?", "O que você acha que a comunidade pode fazer?". Após várias reuniões com a comunidade, a lei foi revogada, ou seja, houve a politização da comunidade, foram feitas indagações sobre ela, e com isso, a lei foi tornada sem efeito.

A entrevistada observa ainda que, tudo era construído na prática mesmo, até hoje esses elementos se combinam. Primeiro é como se fosse um princípio, um pressuposto da FASE de trabalhar a realidade, essa é a base do trabalho. Onde você aprende a ouvir sem ter que levar uma coisa pronta. Tem que ouvir e conhecer. Porque muitas vezes, aquilo que você leva pronto não é aquilo que eles querem, não faz parte da vida daquelas pessoas. Esse é um pressuposto, mas também a gente estuda muito, eu sempre estudei, li muito e a gente estuda, aqui entre nós, em nossos momentos de formação. Nesse sentido, Freire (2011, p. 32) destaca que:

Através do diálogo crítico sobre um texto ou um momento da sociedade, tentamos penetrá-lo, desvendá-lo, ver as razões pelas quais ele é, como é e o contexto político e histórico em que se insere. Isso é para mim um ato de conhecimento e não uma mera transferência de conhecimento, ou mera técnica para aprender o alfabeto. O curso libertador 'ilumina' a realidade no contexto do desenvolvimento do trabalho intelectual sério.

Nesse contexto, a professora Graça destacou que uma das maiores conquistas da FASE foi ter conseguido chegar a 50 anos de existência, ter passado por vários momentos difíceis da história do Brasil. Avaliou também que a FASE é uma referência de instituição que contribuiu com a organização da sociedade civil e, conseqüentemente, a partir dessa organização houve várias conquistas das comunidades. A luta da classe popular, bem como das comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, também contribuiu para a instituição de várias leis no Brasil. Além disso, a professora destacou que a FASE contribuiu com a formação crítica dos cidadãos, com a politização dos mesmos, os quais passaram a ter uma consciência de coletividade. Ressaltou também a luta das mulheres em prol de seus direitos, as quais passaram a ter grandes conquistas na sociedade.

Entretanto, de acordo com a professora, um dos principais pontos negativos que a FASE vivencia até hoje é a fiscalização exacerbada por conta das instituições que fazem o controle das ONG's, porque a FASE faz parte de uma organização nacional chamada BONG- Associação Nacional das ONGs. Explica que, muitas vezes, há o controle por parte da Controladoria Geral da União - a CGU, que realiza auditoria na FASE, no entanto a professora questiona se esse controle ocorre também com os gastos dos políticos, por exemplo. Enfim, ela demonstrou insatisfação em relação a essa fiscalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto, é notória a grande relevância que a FASE e a professora Maria das Graças têm para a história da EJA e da Educação Popular, a partir da década de 70, atuando principalmente junto às camadas populares dos bairros periféricos em Belém, Capital do Pará.

Apesar de o trabalho da FASE não ser voltado especificamente para jovens e adultos, essa instituição atendia além de crianças, adolescentes, jovens, mulheres e homens trabalhadores das classes populares, a partir das necessidades da própria comunidade, tendo como base o princípio norteador de Paulo Freire, que é partir da realidade concreta dos educandos.

Além disso, o trabalho da FASE também se baseava em outro princípio de Paulo Freire que é a educação como ato político, pois a educação popular da década de 70 acontecia em um contexto de luta social, política e econômica, haja vista que as camadas populares se uniam para lutar em prol de melhorias para a comunidade dos bairros periféricos de Belém, como Benguí e Guamá.

Vale ressaltar que as professoras Maria das Graças, coordenadora da FASE, junto com a professora Ana Tancredi, célebre professora da Universidade Federal do Pará e Aldalice Oterloo coordenadora da UNIPOP, foram fundamentais no que tange ao trabalho desenvolvido junto à educação popular a partir da década de 70, pois incentivavam a criação e manutenção de escolas comunitárias em parceria com pessoas da comunidade que eram treinadas pelas professoras citadas, para exercerem o papel de educadoras nas comunidades que viviam, numa época tão difícil da nossa história que foi a ditadura militar.

Ademais, não podemos deixar de destacar o trabalho que a FASE desenvolveu junto às mulheres que trabalhavam nos centros comunitários, uma vez que até então as mesmas eram oprimidas pelos homens numa época em que o machismo era latente. Então, a FASE iniciou um trabalho de conscientização e estímulo para que as mulheres não fizessem somente os serviços domésticos nas comunidades, mas que elas ocupassem cargos

de direção dos centros comunitários.

O trabalho da FASE foi tão importante nesse período que essa instituição incentivou a criação de outras instituições, tais como: a UNIPOP, a Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos e a República de Emaús. Esta última, sob coordenação do Padre Bruno, o qual ajudava bastante os jovens no bairro no Benguí, localizado em Belém/PA.

Além disso, a FASE trabalhou no bairro da Terra Firme com adolescentes em situação de vulnerabilidade social que participavam do PROJÓVEM. Eles participavam de peças teatrais, faziam vídeos e roteiros para entrevistar a população local. Essa iniciativa começou com 20 jovens e chegou a atender 300 pessoas, ou seja, a FASE atendia jovens que eram excluídos da sociedade e conseguiu fazer com que eles tivessem a chance de mudar de vida, através da educação popular.

Além do incentivo à educação, a FASE estimulava a população a lutar por melhores condições de vida, por moradia, saneamento básico e saúde. Esse trabalho foi fruto dos fundamentos epistemológicos de todo o trabalho social desenvolvido pela FASE. Os professores estudavam muito, construíam materiais como cartilhas com ajuda da comunidade, para facilitar o entendimento das pessoas sobre determinados assuntos como leis, moradia, isto é, não levavam nada pronto para as comunidades, pelo contrário, ouviam as mesmas, para entender e captar seus anseios.

A referência do trabalho era baseada em alguns autores como Marx, Paulo Freire e Gadotti, além da base teórica do Movimento de Educação Base (MEB), que naquele momento permeava todo o trabalho dos movimentos populares.

Avaliamos que o trabalho da FASE junto à educação popular estava embasada em uma fundamentação teórica de visão marxista, o que contribuiu para a recusa das condições impostas pelo sistema capitalista e para a luta por uma sociedade mais justa e humana. Vale ressaltar que a FASE, à luz de sua base teórica e do contexto político e econômico do país, conseguiu atender às necessidades das comunidades da periferia de Belém e construir com elas um espírito de luta.

Portanto, a FASE tem uma relevância muito grande para a história da educação popular na Amazônia. Essa instituição já existe há mais de cinquenta anos e é uma referência, pois contribuiu com a organização da sociedade civil e, a partir dessa organização houve várias conquistas das comunidades. A FASE colaborou com a formação política e crítica dos cidadãos, os quais passaram a ter uma consciência de coletividade. Ressaltamos também a luta das mulheres em prol de seus direitos, as quais passaram a ter grandes conquistas na sociedade.

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 11. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; FONSECA, Maria de Jesus da Conceição Ferreira; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos Santos. A entrevista na pesquisa educacional. In: MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Orgs). *Metodologias e técnicas de pesquisa em educação*. Belém: EDUEPA, 2010.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer*: teoria e prática em educação popular. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1993.

_____. Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

_____. Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia*. 13. Ed. São Paulo. Paz e Terra, 2011.

CARNEIRO, Gisele. *A pedagogia de Paulo Freire*: uma pedagogia humanizadora. Caderno 1 da série "História social do trabalho". Curitiba: Editora Gráfica Popular Ltda, 2005.

[1] Antigo nome dado às primeiras motocicletas que circularam na cidade de Belém, nas décadas de 1960 a 1980 aproximadamente.